

**SOCIEDADE BRASILEIRA DE DINÂMICA DOS GRUPOS**

Carlos Temperini  
Marcos Versteeg

**Irmãos Escoteiros?**  
**A inclusão e a exclusão de membros homossexuais nos**  
**grupos escoteiros brasileiros.**

ESPECIALIZAÇÃO EM DINÂMICA DOS GRUPOS

São Paulo

2014

# **SOCIEDADE BRASILEIRA DE DINÂMICA DOS GRUPOS**

Carlos Temperini

Marcos Versteeg

## **Irmãos Escoteiros?**

### **A inclusão e a exclusão de membros homossexuais nos grupos escoteiros brasileiros.**

Artigo apresentado como exigência parcial para obtenção do título de Especialista em Dinâmica dos Grupos pela Sociedade Brasileira de Dinâmica dos Grupos, sob a orientação de Mauro Oliveira e Neidí Schneider.

São Paulo

2014

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, gostaríamos de agradecer a todos que, de alguma forma, contribuíram para que nós pudéssemos ter tido a vivência do Escotismo quando jovens. Em especial, agradecemos aos nossos Chefes, adultos que, com o seu trabalho voluntário e com seu melhor empenho, contribuíram para a nossa formação. Obrigado aos que apoiaram este estudo, incluindo as pessoas que responderam à pesquisa quantitativa. Agradecemos também aos nossos companheiros de formação da SBDG e, em especial, à nossa coordenadora Neidí Schneider e ao nosso coordenador Mauro Oliveira, tanto pelo aprendizado teórico quanto prático.

Esperamos que este artigo contribua de maneira positiva para tornar o Movimento Escoteiro cada vez mais inclusivo, podendo oferecer o “método escoteiro” para cada vez mais crianças, jovens e suas famílias, pois acreditamos que com mais Escoteiros, melhores cidadãos.

**Irmãos Escoteiros?**  
**A inclusão e a exclusão de membros homossexuais nos grupos de  
escoteiros brasileiros.**

Carlos Temperini<sup>1</sup>  
Marcos Versteeg<sup>2</sup>

**RESUMO**

O presente artigo tem por objetivo analisar a inclusão e a exclusão de homossexuais nos grupos escoteiros brasileiros e foi motivado a partir da recente discussão sobre as regras de inclusão e exclusão de membros homossexuais por parte da *Boy Scout of America*, apoiada por uma decisão da Suprema Corte dos Estados Unidos. Utilizou-se, como metodologia, tanto pesquisa qualitativa, quanto pesquisa quantitativa. Na pesquisa qualitativa houve mediação de grupo focal, contendo 15 adultos de ambos os sexos, todos chefes de um grupo escoteiro da cidade de São Paulo. Já, na pesquisa quantitativa, optou-se pela utilização de questionário contendo 36 perguntas fechadas e uma aberta, direcionado para membros adultos participantes do Movimento Escoteiro no Brasil. Obteve-se 247 questionários respondidos com representação de 15 estados brasileiros. Como resultado da pesquisa pode-se concluir que o Movimento Escoteiro não está trazendo a temática para a pauta das suas discussões e que o grupo parcialmente exclui o indivíduo homossexual. Essa exclusão é indireta, já que não existem normas ou regras que proíbam o indivíduo homossexual de participar.

**Palavras-chave:** homossexualidade, homoafetividade, grupo escoteiro, exclusão.

---

<sup>1</sup> **Carlos Temperini** – Psicólogo Clínico e Organizacional, especialista em Gestão de Pessoas pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, Mestre em Psicologia Social pela PUC-SP e Doutorando em Psicologia Clínica pela mesma instituição, e, como membro do Movimento Escoteiro, conquistou o distintivo de Escoteiro da Pátria.

<sup>2</sup> **Marcos Versteeg** – Administrador de Empresas pela Fundação Getúlio Vargas, Empresário, membro do Movimento Escoteiro desde 1983 e Diretor Presidente do Grupo Escoteiro Carajás (SP2) desde 2007.

## **ABSTRACT**

The main objective of this article is to analyze the inclusion and exclusion of homosexual associates of Brazilian local scouting units (Scout Groups), motivated by the debate that held by the Boy Scout of America association. The method chosen was a qualitative research together with a quantitative research. For the qualitative research, we mediated a focus group with 15 adults from both sexes that are current leaders of Scout Group in São Paulo city. For the quantitative research we opted for using a query containing 36 closed questions and one open question, directed to adult associates of the scouting movement in Brazil. We received 247 queries witch cover 15 states of the country. Because of the research, we can conclude that the Scouting Movement in Brazil is not bringing the homosexual theme to discussion and the Scout Groups partially exclude the homosexual person. This exclusion takes place indirectly, as there are no rules that prohibit his / her membership.

## INTRODUÇÃO

“O escoteiro é amigo de todos e irmão dos demais escoteiros”  
IV artigo da Lei Escoteira (UEB, 2013)

Em geral, muitos autores definem grupo como sendo uma unidade que se forma quando os indivíduos interagem entre si (BÍON, 1975; MAILHIOT, 1981; MOSCOVICI, 2003; SOROKIM, 1968). Muitas são as variáveis relevantes que diferenciam um grupo de outros conglomerados de pessoas em uma mesma atividade (MARTINS, 2003).

Para autores como (LANE, 1984; MARTÍN-BARÓ, 1989), aspectos pessoais, características grupais, a vivência objetiva e subjetiva grupal e a importância do caráter histórico do grupo são fatores importantes para a compreensão do que denominam de **processo grupal**<sup>3</sup>. Para compreender o objeto de estudo deste artigo, optou-se por contextualizar de forma sócio-histórica a problemática que envolve os temas: **grupos, homossexualidade e escotismo**.

### 1 GRUPOS E HOMOSSEXUALIDADE

A problematização da noção de homossexualidade no Brasil e no mundo é fundamental para a compreensão do objeto de pesquisa deste artigo. Ainda existem muitas críticas em relação à palavra homossexualidade, já que esta não permite traduzir e descrever, simultaneamente, a realidade vivida pelas pessoas que se autodenominam homossexuais (TEMPERINI, 2012).

Neste artigo, optou-se pela utilização da palavra “**homossexual**” para designar uma pessoa que tem atração sexual / afetiva destinada a outra pessoa do mesmo sexo e “**homoafetividade**” para designar a relação entre duas pessoas do mesmo sexo. Homoafetividade é um neologismo criado pela Desembargadora Maria Berenice Dias<sup>4</sup>, com o objetivo de estabelecer fronteiras e diferenças entre os termos utilizados. Segundo a autora:

---

<sup>3</sup> Processo Grupal – terminologia utilizada por diversos autores, a fim de nomear todos os processos ocorridos no funcionamento de um grupo.

<sup>4</sup> Foi a primeira Desembargadora do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul, tendo sido a primeira mulher a ingressar na magistratura gaúcha.

Ao lidar com o Direito de Família, me dei conta de que não havia norma regulando as uniões de pessoas do mesmo sexo. [...] equiparam a união homoafetiva à sociedade de fato. [...] na realidade, eles continuam sendo homossexuais, mas têm com o outro, vínculos homoafetivos. [...] o conceito atual, é de caráter afetivo, portanto, esse tipo de união também está dentro do conceito de família (DIAS, 2010, s/p).<sup>5</sup>

Para validar a importância do termo, foi efetuada uma busca na base de dados “Google”, no dia 07 de março de 2014, a partir do termo “homoafetividade”, indicando 89.900 resultados. Pode-se observar que grande parte dos resultados da busca são pesquisas, artigos, blogs etc., que abordam a afetividade, não se restringindo apenas à sexualidade.

A homoafetividade percorre a história da humanidade repudiada e repreendida por determinados grupos e tolerada e exaltada por outros.

O termo “homossexual” é utilizado para descrever as práticas sexuais entre pessoas do mesmo sexo. Por outro lado, carrega uma conotação patologizante, com raízes históricas, tanto na medicina como na área jurídica. A atração sexual / afetiva (denominada “orientação sexual”) por pessoas do mesmo sexo está associada à esfera do pecado, segundo grupos religiosos, à esfera criminosa, segundo grupos que administram o direito e à esfera da doença, segundo grupos da área da saúde (UZIEL, 2007).

Segundo Farias e Maia (2005), a forma como diferentes civilizações se relacionam com a sexualidade varia de acordo com a cultura e o momento histórico de cada grupo social. Recheada de ideologias advindas da visão da família nuclear<sup>6</sup> e de uma sociedade heterossexista e heteronormativa, a orientação sexual homossexual ganhou uma embalagem estigmatizada.

Nos últimos tempos, tem-se vivido uma grande revolução nas discussões sobre a homoafetividade, fato que nos faz questionar **por que alguns grupos se mostram abertos à discussão sobre homoafetividade e outros não?**

No último dia 31 de janeiro de 2014, ocorreu um fato marcante na sociedade brasileira, quando a maior emissora de televisão aberta do país, veiculou, pela primeira vez, o beijo de um casal homoafetivo em uma novela de

---

<sup>5</sup> Disponível em: <<http://www.mariaberenice.com.br/pt/entrevistas-revista-justilex-em-defesa-da-mulher-e-das-unioes-homoafetivas.cont>> Acesso em: 07 mar. 2014.

<sup>6</sup> Família Nuclear é um conceito predominante da sociedade burguesa e do mundo ocidental que é formada por pais (pai e mãe) e o(s) filhos (as) (SHORTER, 1975, p. 221)

grande audiência<sup>7</sup>. O fato teve repercussão nacional, e foi possível observar tanto manifestações de repúdio quanto de apoio ao relacionamento homoafetivo como uma realidade a ser vivida / respeitada. Ao mesmo tempo em que ocorria, no Brasil, a cena do famoso “beijo gay”, do outro lado do planeta, mais uma polêmica: na Rússia, país sede dos Jogos Olímpicos de Inverno de 2014<sup>8</sup>, o Presidente Vladimir Putin, com sua “lei antigay”, associou, equivocadamente<sup>9</sup>, homossexualidade com pedofilia.

Já, no Movimento Escoteiro, talvez a discussão de maior notoriedade envolvendo a homoafetividade acontece no Estados Unidos. A discussão ganhou visibilidade no caso da *Boy Scouts of America* (BSA), entidade que representa o Escotismo nos Estados Unidos, contra James Dale.

Segundo o *Legal Information Institute da Cornell University Law School*<sup>10</sup>, Dale havia ingressado no Escotismo em 1978, aos oito anos de idade. Dale era um Escoteiro exemplar, tendo conquistado o *Eagle Scout* (a mais alta condecoração do Escotismo nos EUA) e, em 1989, tornou-se Chefe em um Grupo Escoteiro em Nova Jersey. Já em 1990, Dale assistiu a uma palestra sobre as necessidades de saúde mental de adolescentes gays e lésbicas, na Rutgers University, onde estudava. Após a palestra, um jornal que cobria o evento entrevistou-o e, em julho 1990, publicou a entrevista com uma foto de Dale e uma legenda identificando-o como o presidente da Aliança Gay/Lésbica. Mais tarde, naquele mês, o responsável pelo Grupo Escoteiro enviou uma carta a Dale, cancelando sua associação do Escotismo. Dale solicitou, por carta, explicações acerca da decisão, e a resposta alegou que a BSA proíbe que pessoas que se autodeclaram homossexuais sejam associados à entidade.

---

<sup>7</sup> Disponível em: <<http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2014/01/final-de-amor-vida-tem-primeiro-beijo-gay-em-novela-da-globo.html>> Acesso em: 20 mar.2014.

<sup>8</sup> Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/mundo/putin-compara-homossexuais-pedofilos-11345223#ixzz2vKczajIX>> Acesso em: 07 mar. 2014.

<sup>9</sup> Os índices sobre “**estupro de vulnerável**” diz que 80% dos abusadores de menores são homens e 73% dos casos são vítimas do sexo feminino. 68% dos casos são pelos pais e padrastos (TRINDADE, 2007). Diante dessa estatística a correlação entre homossexualidade e pedofilia se torna inconsistente.

<sup>10</sup> *Boy Scouts of America v. Dale* (99-699) 530 U.S. 640 (2000). Disponível em: <<http://www.law.cornell.edu/supct/html/99-699.ZO.html>>. Acesso em: 9 mar.2014



Em 1992, Dale entrou com um processo contra a BSA na corte de Nova Jersey, acusando-a de discriminação por orientação sexual e, em 1998, Dale ganhou a causa. A BSA então apelou para a instância da Suprema Corte Americana e, num julgamento que terminou em 28 de junho de 2000, por 5 votos a 4, os juízes deram causa ganha para a BSA, dando-lhe direito, como organização (grupo) privada, de adotar as regras que julgasse adequadas à sua missão e propósito. A partir daquela data, a BSA regulamentou a não aceitação de membros homossexuais nos seus grupos.

A mais recente revisão dessa resolução ocorreu no dia 23 de março de 2013<sup>11</sup>, quando a *Boy Scouts of America* manteve o banimento a adultos voluntários homossexuais (os Chefes Escoteiros) e revisou a regra para os jovens, passando a admitir crianças e jovens homossexuais menores de 18 anos. Segundo artigo do jornal *USA Today*<sup>12</sup>, a decisão foi tomada por 1.400 membros com direito a voto no Conselho Nacional da BSA, sendo que 60% foram a favor da mudança.

Um dado que merece uma análise mais profunda é a evolução do número de membros associados aos grupos escoteiros americanos (BSA), ao longo da sua história de 103 anos. Segundo o site *ScoutPride*<sup>13</sup>, de 1997 até 2012, o número de membros da BSA declinou em 27% (965.244 registros). O número de membros ainda é relevante (em torno de 2,5 milhões de jovens), mas as causas da queda podem ter relação com os movimentos em torno da questão da inclusão e exclusão dos homossexuais.

---

<sup>11</sup> The Boy Scouts of America Statement, 23/mar/2013. Disponível em: <<http://www.scouting.org/sitecore/content/MembershipStandards/Resolution/results.aspx>>. Acesso em: 9 mar.2014

<sup>12</sup> USA Today. Disponível em: <<http://www.usatoday.com/story/news/nation/2014/02/12/boy-scouts-ranks-drop/5435033/>>. Acesso em: 10 mar. 2014

<sup>13</sup> ScoutPride. Disponível em: <[http://www.bsa-discrimination.org/html/bsa\\_membership.html](http://www.bsa-discrimination.org/html/bsa_membership.html)>. Acesso em: 10 mar. 2014

## 2 ESCOTISMO: ORIGEM E CARACTERÍSTICAS GERAIS

Segundo a *World Organization of the Scout Movement*<sup>14</sup>, o Escotismo (ou *Scouting*, em inglês) é hoje a maior organização educacional não formal de jovens do mundo, presente em 162 países, com 40 milhões de membros atualmente (33 milhões de crianças/jovens e 7 milhões de adultos voluntários), sendo que mais de 500 milhões de pessoas já participaram do Escotismo. São seis os países onde não se tem notícia da existência de Escotismo: Andorra, China, Cuba, Coréia do Norte, Laos e Myanmar.

O Movimento Escoteiro foi criado por um oficial do exército inglês, Robert Stephenson Smyth Baden-Powell (conhecido como Baden-Powell), no início do século XVIII. Essa época coincide com o fim do período que veio a se chamar de “Era Vitoriana”<sup>15</sup>. Os valores vitorianos podem ser classificados como “puritanos<sup>16</sup>” e, na época, a poupança, a dedicação ao trabalho, a importância extrema da moral, os deveres da fé e o descanso dominical foram considerados valores de grande importância.<sup>17</sup>

A primeira experiência prática do que veio a ser conhecido como Escotismo aconteceu num acampamento organizado por Baden-Powell, em agosto de 1907, na ilha de Browsea (Inglaterra). Esta primeira atividade Escoteira reuniu 20 jovens ingleses com idades entre 9 e 17 anos e de diversas classes sociais (PETERSON, 1999).

O Escotismo chegou ao Brasil em 1910, por meio de oficiais da Marinha que tiveram contato com o conceito do movimento, recém-iniciado na Inglaterra. Em 1915, o escotismo estava presente em quase todos os Estados brasileiros (UEB, 2007).

---

<sup>14</sup> World Organization of the Scout Movement (<http://scout.org/>), ou Organização Mundial do Movimento Escoteiro.

<sup>15</sup> Segundo a BBC, o período em que a Rainha Vitória este no trono da Grã-Bretanha ocorreu entre 1837 e 1901. Disponível em: <[http://www.bbc.co.uk/history/british/victorians/overview\\_victorians\\_01.shtml](http://www.bbc.co.uk/history/british/victorians/overview_victorians_01.shtml)>. Acesso em: 9 mar.2014

<sup>16</sup> Puritano: Relativo ao puritanismo. Puritanismo: 1 Seita protestante que prega e pratica princípios morais puros e rígidos e formas simples de adoração. 2 Austeridade de princípios. 3 Qualidade da pessoa que alardeia grande rigidez de princípios (MICHAELIS, 2004)

<sup>17</sup> Charlot M. e Marx R., 1993, p. 21-22 e Thompson F. M. L., 1988, p. 251

A União dos Escoteiros do Brasil (UEB) é hoje a entidade que congrega todos os que praticam escotismo no país e está organizada em três níveis: o Nacional, o Regional e o Local. O nível local é constituído pelos cerca de 1.300 Grupos Escoteiros e Seções Escoteiras Autônomas, que são as organizações locais (cidades, bairros, clubes etc.) para a prática do Escotismo (UEB, 2013).

Segundo a UEB (2013), **o Escotismo é um movimento educacional de jovens, sem vínculo a partidos políticos, voluntário, que conta com a colaboração de adultos, e valoriza a participação de pessoas de todas as origens sociais, etnias e credos, de acordo com seu Propósito, seus Princípios e o Método Escoteiro, concebidos pelo Fundador Baden-Powell.**

O propósito do Movimento Escoteiro é contribuir para que os jovens assumam seu próprio desenvolvimento, especialmente do caráter, ajudando-os a realizar suas plenas potencialidades físicas, intelectuais, sociais, afetivas e espirituais, como cidadãos responsáveis, participantes e úteis em suas comunidades, conforme definido pelo seu Projeto Educativo.

Todos os membros do Movimento Escoteiro fazem parte da grande Fraternidade Escoteira Mundial e, desta forma, contribuem para a paz e a mútua compreensão entre os seres humanos, auxiliando todos os movimentos e organizações de cooperação internacional que compartilhem destes princípios. (UEB, 2013)<sup>18</sup>

O Escotismo iniciou como um movimento exclusivo para os meninos, sendo que para as meninas foi criada uma organização paralela, denominado *Girl Guides* (ou Bandeirantes no Brasil). Foi a irmã de Baden-Powell, Agnes Baden-Powell, e, depois, sua esposa, Olave St. Clair Soames, que administraram o Movimento das Bandeirantes. Com a introdução da coeducação, na segunda metade da década de 1970, resultado da instituição das escolas mistas de meninos e meninas, passou-se a admitir a inclusão de meninas no Movimento Escoteiro (SANTOS e SANTANA, 2010).

A implementação da co-educação no Escotismo Brasileiro tem como principais justificativas:

- propiciar uma formação mais adequada à criança e ao jovem;
- possibilitar uma maior integração da família no Escotismo, possibilitando que todos os filhos possam participar do Grupo Escoteiro;
- ampliar a participação feminina no Movimento; e

---

<sup>18</sup> Disponível em: <[http://www.escoteiros.org.br/arquivos/documentos\\_oficiais/por.pdf](http://www.escoteiros.org.br/arquivos/documentos_oficiais/por.pdf)>  
Acesso em: 9 mar.2014

- contribuir com a redução do preconceito de gênero. (UEB, 2004, s/p). 19

### **Se o processo de coeducação abarcou as relações de gênero, por que deixar de fora a homoafetividade?**

Segundo Pryke (2005), o tema da sexualidade já apresentava alguns paradoxos desde os primeiros anos do Movimento Escoteiro Britânico. Por um lado, aparenta ser uma organização um tanto assexuada, preocupada com uma busca construtiva no ambiente da natureza. Por outro lado, sempre teve alguma associação com aspectos da sexualidade. “Baden-Powell acreditava que a masturbação levava à insanidade, moral indigna e declínio da nação” (PRYKE, 2005). Já Michael Rosethanl (1986), estudioso das origens do Escotismo, destaca a preocupação de Baden-Powell com a masturbação, sugerindo que o Escotismo teve importante influência na propagação da noção de que a masturbação levava à insanidade mental.

No livro “Guia do Chefe Escoteiro”, Baden-Powell (2000, p.74) dedica um capítulo para o tema “Continência”, onde assinala que “de tudo que se refere à educação da juventude, um dos pontos mais difíceis e de maior importância é o que diz da higiene sexual. Corpo, mente, alma, saúde, moralidade, caráter, tudo isso é abrangido nesse problema” (p.74). Reforça, em seguida, que [o Chefe] “poderá entrar no assunto do mesmo modo banal como abordaria qualquer outro [assunto] sobre o qual pode dar conselhos.” Mas, no final do capítulo, Baden-Powell recomenda que os “escoteiros recebam os necessários esclarecimentos da pessoa competente, na ocasião oportuna.” Por “pessoa competente” entende-se, no livro, “o pai, o pastor, o médico ou outra e **NÃO O CHEFE ESCOTEIRO**” (BADEN-POWELL, 2000).

---

<sup>19</sup> Disponível em:  
<<http://www.escoteirosdf.org.br/index.php?option=artigo&task=detalhe&id=33&Itemid=20>>.  
Acesso em: 9 mar.2014

### 3 TEORIAS DE GRUPO

Para definir as principais teorias de sustentação desta pesquisa, analisou-se todo o banco de informações da **Sociedade Brasileira de Dinâmica dos Grupos**, a fim de encontrar todas as pesquisas relacionadas à inclusão e exclusão grupal. Em sua maioria, esses trabalhos utilizaram teorias de Fela Moscovici, Gerald Mailhot, Kurt Lewin, Wilfred Bión e William Schultz, todos contemplados no nosso trabalho.

**Quadro 1 – Trabalhos de conclusão de curso da SBDG**

Artigos	Autores	Conteúdo	Tipo de Pesquisa	Palavras-chave
"A autoestima e a inclusão no Grupo Quatro Estações"	SCHWERZ, D. M. et all.	O artigo apresentou uma reflexão sobre a autoestima e sua interferência no processo de inclusão no grupo de formação em dinâmica dos grupos SBDG em Passo Fundo.	Estudo de Caso	Autoestima e inclusão
"Inclusão, projeção e somatização na coordenação de um grupo"	STEIGNER, D. et all.	O artigo apresentou uma reflexão acerca das necessidades de inclusão, dos mecanismos de projeção e somatização na dinâmica grupal - uma experiência no papel de coordenador de grupos.	Estudo de Caso	Inclusão, projeção, somatização e dinâmica grupal
"Inclusão e exclusão no processo grupal"	MAGNUS, C. et all.	O artigo apresentou o tema inclusão e exclusão como vivência de um sub-grupo no processo de formação em dinâmica dos grupos - SBDG.	Estudo de Caso	Inclusão, exclusão, sub-grupo
"Processo de inclusão de novos membros na organização"	CARREIRÃO, C. A. et all.	O artigo apresentou o processo de inclusão de novos membros em um grupo. Nas discussões trouxe a reflexão sobre o papel do líder no processo de inclusão dos novos membros.	Pesquisa Qualitativa	Inclusão, novos membros, papel do líder.
"Comunicação e inclusão no desdobramento das diretrizes organizacionais"	COMITTI, F. F. et all.	O artigo apresentou um estudo sobre a contribuição do processo de comunicação para a inclusão de um grupo de gestores no desdobramento de diretrizes organizacionais.	Pesquisa Qualitativa	Comunicação, Inclusão e diretrizes organizacionais.
"Cultura e mudança de um grupo a partir da inclusão de um novo membro"	ASCENÇO, C. et all.	O artigo apresentou uma análise acerca do filme: "O casamento grego" a fim de compreender a cultura e o processo de mudança dentro de um grupo e a sua influência no momento da inclusão de um novo membro.	Análise de Conteúdo	Cultura, processo de mudança, inclusão e influência
"Inclusão: O caminho do meio"	KARAM, A. et all.	O artigo discorreu sobre a vivência de um grupo de formação da SBDG a fim de compreender o processo de inclusão.	Estudo de Caso	Inclusão
"Inclusão de deficientes físicos em um ambiente organizacional"	DIAS, H. J. et all.	O artigo analisou a inclusão de deficientes físicos em um ambiente organizacional a fim de compreender o processo de inclusão do indivíduo deficiente no grupo.	Pesquisa Qualitativa	Deficiente, inclusão, grupo
"Processo de inclusão e exclusão em grupos de formação e desenvolvimento"	GOULART, C. et all.	O artigo analisou os sentimentos e atitudes de participantes que já haviam concluído a formação em instituição de desenvolvimento a fim de compreender o processo de inclusão e exclusão.	Pesquisa Qualitativa	Sentimentos, atitudes, inclusão e exclusão
"Inclusão: uma questão dialética"	RECH, A. et all.	O artigo elucidou sobre a compreensão da inclusão como uma questão dialética no Grupo 153 de formação da SBDG, caracterizando as diversas formas de inclusão, tanto grupal, quanto individual.	Pesquisa Qualitativa	Inclusão, dialética
"Inclusão num grupo de acadêmicos Um estudo comparativo entre a autopercepção e a observação"	CUGINOTTI, A. E. et all.	O artigo apresentou um estudo prático na turma de calouros do curso de tecnólogo de administração de empresas a fim de avaliar o processo de inclusão.	Pesquisa Qualitativa	Processo de Inclusão
"Lucas, um intruso no formigueiro"	BERGAMO, F. et all.	O artigo analisou o filme: "Lucas, um intruso no formigueiro" para a compreensão do processo de mudança e inclusão no funcionamento grupal.	Estudo de Caso	Processo de Mudança, Inclusão
"Autoestima no processo de inclusão: influência da autoestima no processo de inclusão no grupo de jovens do Projeto Pescar da empresa WEG de Gravataí/RS"	ROCHA, A.; GOLTZ, Y. M.	O artigo demonstrou a influência da autoestima no processo de inclusão de um grupo de jovens que fazem parte do Projeto Pescar.	Pesquisa Qualitativa	Autoestima e inclusão
"O processo de inclusão nos grupos de adolescentes"	MENEGHEL, L. M. et all.	O artigo identificou o perfil social de adolescentes, alunos da primeira série do Ensino Médio do Centro Tecnológico da Universidade de Caxias do Sul - CETEC, a fim de compreender como acontece a inclusão dos mesmos no ingresso à escola.	Pesquisa Qualitativa	Adolescentes, inclusão
"O processo de inclusão e desenvolvimento de competências em sala de aula"	SANTOS, Adriana.	O artigo relatou sobre o processo de inclusão de alunos do Curso Técnico Administrativo na disciplina "Promoção de Trabalho em Equipe".	Pesquisa Qualitativa	Inclusão
"Inclusão, controle e afeto: algumas "poções experimentadas no sub-grupo caldeirão"	MATOS, A. S. et all.	O artigo buscou o melhor entendimento sobre os processos de inclusão, controle e afecção à luz da teoria de Schultz.	Estudo de Caso	Inclusão

Fonte: Base de dados da Sociedade Brasileira de Dinâmica dos Grupos.

<<http://177.19.166.172/Corpore.Net/Main.aspx?SelectedMenuIDKey=PrfPastasConteudo&ActionID=PrfArvorePastaContActionWeb>> Acesso: 09 mar. 2014

Dentre as teorias que sustentam os estudos relacionados à inclusão/exclusão nos grupos, compartilhamos, primeiramente, um dos estudos

que discute a escolha pela participação em um grupo ao invés de outro, e o sentimento de dissonância descrito por Festinger et al (1975). Pode-se compreender por dissonância o encontro entre os aspectos positivos de uma escolha *versus* os aspectos negativos da alternativa rejeitada. A teoria da dissonância prevê que, depois que um indivíduo escolheu participar de um grupo (decisão), ele tentará convencer-se de que a alternativa escolhida é ainda mais atraente (com relação à rejeitada).

Uma pessoa tende a não ter o controle sobre seu ambiente social. Uma forma em que isto se manifesta é em sua parcial inabilidade para prever os acontecimentos dos grupos dos quais participa. Um exemplo disso é uma pessoa que recebe um convite para entrar num grupo de escoteiros, aceita o convite e verifica que as pessoas que encontrou são menos agradáveis do que pensara. Se não perdeu muito tempo ou esforço nesse grupo, sentirá pouca ou nenhuma dissonância, mas se investiu muito tempo e esforço para interagir com essas pessoas e se frustrou, sentirá maior dissonância.

Quando uma pessoa enfrenta uma opinião contrária à sua, sustentada por pessoa semelhante, sente dissonância. As cognições correspondentes a suas opiniões são dissonantes com a cognição de que essas outras pessoas sustentam opiniões diferentes. É quase impossível evitar o aparecimento dessa dissonância, a menos que se evite totalmente qualquer interação social. Uma pessoa pode sentir-se muito atraída por outra ou por um grupo de pessoas, por causa de interesse ou de opiniões comuns. Mas haverá, inevitavelmente, algum desacordo em questões de interesse para a pessoa (FESTINGER et al, 1975, p. 173).

Quando um membro participante do Movimento Escoteiro chega na adolescência e, diante da descoberta da sexualidade, se depara com o desejo por pessoa do mesmo sexo, seus temores pela possibilidade de rejeição por parte dos grupos de sua convivência podem causar intensa dissonância entre a sua expectativa de aceitação *versus* a discriminação ou falta de amparo do grupo.

Segundo Sorokim (1968), uma série de interações grupais podem não apresentar intenção, propósito ou finalidade. Quando colocados em proximidade física, os indivíduos acabam sendo forçados a interagir ou reagir de forma mútua ou unilateral, sem levar em conta qualquer propósito, desejo ou intenção anterior. Muitas dessas interações são curtas, já outras acabam perdurando por anos e

anos – como comumente acontece com grupos de longa duração, como no grupo de escoteiros.

Todos os dias ocorrem milhares de interações causais; outros milhares se iniciam com a ideia de torná-las permanentes, mas logo terminam pelo desacordo e conflito das partes; finalmente, outros milhares sobrevivem graças à formação de grupos organizados. A organização de um grupo é condição indispensável de sua sobrevivência e durabilidade (SOROKIM, 1968, p. 576).

O grupo que daí surgir não será necessariamente justo, equitativo ou benéfico para todos os membros que dele participarem. Um grupo se torna organizado quando possui códigos e normas. De um modo geral, a organização que emergir da interação dos indivíduos – quer seja de forma justa, quer seja de forma coercitiva - vai depender das propriedades dos indivíduos e das condições totais do grupo. Isso ocorre como resultado das forças de seus membros e de todas as condições em que estes interagem (SOROKIM, 1968). **Mas, como os grupos constroem e mantêm sua identidade, valores e normas?**

Toda ideia, significado, valores e normas são dinâmicas e tendem a mudar suas características quando são submetidas à reflexão pelos seres humanos. Os valores e normas tendem a ter inúmeras variações e, por vezes, contradições e tensões, ocultas ou não, que podem não ser veladas ou tornarem-se explícitas. Valores, normas e identidade de um grupo podem ser representados por símbolos, signos e ritos que podem ser interpretados como ideologia de um grupo/s. Assim, os membros do grupo ocupam a posição de representantes desses valores, normas e perpetuam a identidade do grupo (SOROKIM, 1968). No escotismo, esses símbolos e ritos são identificados na “promessa escoteira”, “trilha escoteira”, “rota sênior”, “ponte pioneira”, entre muitos outros que demarcam uma convivência cheia de significados correspondentes à etapa de desenvolvimento, normas, valores e identidades.

Apesar de alguns grupos escoteiros perpetuarem as normas, valores e identidade, as pessoas, que deles participam, diferem na maneira de perceber, sentir, agir e pensar. Essas diferenças individuais são inevitáveis e trazem diversas influências na dinâmica grupal. Moscovici (2003) assinala que:

Se fosse possível a uma pessoa escolher dentre várias alternativas de ação, sem precisar da colaboração ou sem infringir a liberdade do

outro, esta seria uma situação de liberdade real ou genuína autonomia. Entretanto, na maioria das vezes, não se pode optar por uma decisão inteiramente pessoal e as diferenças individuais surgem e precisam ser enfrentadas. Nossa realidade social é, cada vez mais, de interdependência (MOSCOVICI, 2003, p. 145).

As diferenças entre as pessoas não devem ser consideradas boas ou más, pois algumas vezes, trazem oportunidades de crescimento grupal e outras, trazem discordância e conflitos. Diante da diversidade de ideias, muitos membros de um grupo podem se colocar em posições antagônicas, caracterizando uma situação conflitiva. Para Moscovici (2003), as situações de conflitos são componentes fundamentais e necessários para o crescimento grupal. Ele pode trazer consequências funcionais ou disfuncionais, dependendo da sua forma, do momento do grupo, do contexto social e da tratativa que será dada a ele. Para a autora (...) “o conflito tem muitas funções positivas. Ele previne a estagnação decorrente do equilíbrio constante da concordância, estimula o interesse e a curiosidade pelo desafio (...) descobre problemas e demanda sua solução” (p. 146). **Existe a necessidade de reeducar o Movimento Escoteiro nas questões relacionadas à orientação sexual?**

Segundo Lewin (1948), a necessidade de reeducação de um grupo surge quando um indivíduo ou grupo está fora dos padrões em relação à sociedade. A última polêmica relacionada ao escotismo e à homoafetividade (conforme mencionado anteriormente) indica quanto o assunto ainda é pouco explorado, consequentemente reduzido, para os membros do Movimento Escoteiro. Se o tema da sexualidade (incluindo homoafetividade) está na pauta de diversos órgãos de alta representatividade social, tais como: Organização das Nações Unidas (ONU), agenda de políticas públicas, educação pública e privada, entre outros, **qual é o posicionamento da União dos Escoteiros do Brasil em relação ao tema?** Apesar de não encontrar nenhum posicionamento formal sobre a questão da homoafetividade, pode-se observar que uma reeducação do grupo é necessária, quando este perde contato com a realidade e se mantém aprisionado em normas e valores. Os processos que levam ao preconceito, discriminação e ilusões, acerca de uma percepção correta, necessitam de um novo processo de reeducação que deve ser funcionalmente correlacionado à mudança de cultura. Existe um risco de essa mudança atingir apenas o sistema oficial de valores no nível verbal e não no nível atitudinal (LEWIN, 1948).



A necessidade da aceitação de novas normas e valores dentro de um grupo pressupõe a percepção de novos fatos e valores sociais. Estes precisam ser aceitos como uma nova ideologia oficial, tanto no campo da teoria, quanto no campo da ação. Vale ressaltar que uma mudança somente será efetiva e completa se conseguir atingir o indivíduo e o grupo. De qualquer maneira, um processo reeducativo tende a encontrar hostilidade. O Escotismo foi criado por Baden Powell, em 1907, com normas, valores e identidades mantidas há mais de um século. Parece ilógico esperar **que indivíduos, dentro de um sistema, consigam modifica-lo. Pode-se considerar que a questão polêmica na qual a *Boy Scout of America* se envolveu foi fruto de pressão de um indivíduo que, apesar de se identificar com as normas do Movimento Escoteiro, apresentou outros valores renegados pelo escotismo no seu país. Esse fato pressionou o movimento nos Estados Unidos a rever suas normas e valores ao ponto de levá-los a julgamento na corte americana.**

Segundo Lewin (1948), não há possibilidades de ensinar pessoas que necessitam mudar e, ao mesmo tempo, sentem-se agredidas pelas novas possibilidades de mudança. Isso pode apontar um obstáculo real à aceitação da nova proposta. Portanto, para qualquer mudança ocorrer, se faz necessário todos os membros de um grupo se sentirem pertencentes ao senso de valores. As oportunidades de reeducação e mudança parecem aumentar quando se cria um forte sentimento de pertencimento ao grupo.

(...) numa fase particular de reeducação: a expressão de preconceitos contra minorias ou a desobediência às regras (...) podem ser contrárias aos objetivos desejados. Todavia, numa fase particular de reeducação, um sentimento de completa liberdade e uma maior identificação com o grupo são frequentemente mais importantes que aprender a não violar regras específicas (LEWIN, 1948, p. 83).

Essa mudança só influencia a conduta quando o novo sistema de valores e crenças é aceito na percepção de todos os envolvidos. Para essa reeducação sobre homoafetividade dentro do Movimento Escoteiro, se faz necessária a aceitação dos novos valores sociais na questão dos direitos do público LGBT<sup>20</sup> e na ligação entre os valores do Movimento Escoteiro e os direitos desse público.

---

<sup>20</sup> LGBT – Sigla criada para designar o grupo – lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros.

## **Mas por que o público LGBT está demandando a inclusão dentro do Movimento Escoteiro?**

### **3.1 Inclusão e exclusão no grupo**

A atenção dos outros, a interação social / grupal, o senso de pertencimento, o reconhecimento e o respeito são algumas das necessidades que todo o ser humano valoriza desde a infância.

No campo das relações interpessoais existem necessidades que constituem o pleno potencial humano na relação de um para o outro. Segundo Schutz (1974, p. 101), “o comportamento de inclusão diz respeito à associação entre pessoas, a ser excluído ou incluído, a fazer parte, a estar junto com os outros”. A necessidade de ser incluído vem através do desejo de merecer a consideração, atração e interesse, a fim de ser reconhecido para distinguir-se de si e do outro.

O processo de inclusão dentro de um grupo geralmente se inicia a partir do momento em que um grupo é formado, pois, nessa fase, as pessoas procuram se identificar com os demais membros, gerando associações de aceitação e/ou exclusão.

Segundo Schutz (1974), os principais momentos de necessidades interpessoais existentes no funcionamento grupal podem ser separadas por três fases, sendo elas: *Inclusão, Controle e Afeição*. Para que as necessidades dos indivíduos sejam supridas, o autor aponta a necessidade de haver um equilíbrio nas relações entre essas três dimensões. Assim, cada membro de um grupo tentará buscar seu lugar, a fim de encontrar e estabelecer os limites de sua participação. Quando isso ocorre, os membros iniciam algumas escolhas, tais como: o quanto vão investir emocionalmente no grupo, o quanto esperarão receber, quais os papéis que assumirão no grupo etc.

A fase de inclusão é marcada pela necessidade do indivíduo ser considerado pelo outro. A fase de controle traz para a pauta as relações de poder, a influência e a autoridade entre os membros do grupo. **O presente artigo tem por objetivo analisar a inclusão e a exclusão de membros homossexuais dentro dos grupos escoteiros brasileiros. Nossa hipótese inicial é de que ocorre exclusão de membros homossexuais.** Para Schutz,

(1974) existem três tipos de características da fase de inclusão, sendo elas: subsocial, supersocial e sociável. O indivíduo subsocial, com pouco investimento emocional para a inclusão tende a ser mais introvertido e reservado, mantém-se distante do grupo e prefere não se envolver com os demais. Porém, inconscientemente, deseja atenção porque teme que os outros o ignorem. Já o supersocial é aquele membro de um grupo que tem como principal característica a extroversão, assim busca insistentemente a atenção dos demais e necessita da reciprocidade. Seu comportamento está sempre voltado para a captação da atenção de outros membros para si mesmo. Por fim, os indivíduos sociais, que são aqueles que obtiveram um desenvolvimento infantil saudável sob a ótica da inclusão, tendem a apresentar capacidade tanto para ficar sozinho, quanto para se relacionar de forma saudável com o outro.

Segundo Bion (1975), todo ser humano tem a tendência de entrar na vida em grupo, nos aspectos irracionais e inconscientes, e as pessoas variam na intensidade da tendência para essa direção. A questão da exclusão, segundo o autor, na maioria das vezes, é interna às pessoas pelo risco de trazer para o grupo suas partes “deficientes” e, assim, demonstrar a sua falha.

O processo de exclusão também pode ocorrer no grupo e reforçado pelas atitudes individuais, de forma consciente e/ou inconsciente, com relação a diversos membros do grupo. A exclusão pode ser considerada como um fenômeno que pode ser sentido tanto pelos membros de um grupo quanto através da percepção de fatos comprováveis. Às vezes, o sentimento de exclusão pode ser um sentimento do membro, em decorrência da não correspondência às exigências do grupo. Uma variável que pode atenuar a vivência da exclusão é quando o grupo percebe um comportamento considerado “inadequado” frente às normas, aos valores e às vivências grupais.

Segundo Lewin (1948), a adaptação do membro ao grupo se dá através das necessidades grupais e da necessidade individual. O indivíduo precisa de espaço para um movimento livre no interior do grupo, a fim de atingir e satisfazer suas necessidades individuais. Se esse espaço de independência for restrito, o membro poderá tornar-se infeliz. Uma frustração poderá obrigá-lo a sair do grupo ou restringir o espaço nele. Essas restrições estabelecidas, por vezes, podem deixar o membro com pouca liberdade, sendo consentida por alguns outros

membros – relação de poder – que quer preservar valores e crenças e expulsar, conscientemente ou inconscientemente, quem não as seguem.

Mailhiot (1981) destaca alguns pares de emoções que se encontram presentes na dinâmica grupal, sendo elas: amor e ódio, inclusão (afeto) e exclusão, decisão e insegurança, sempre presentes em todas as fases da vida de um grupo. Entretanto, o que diferencia um momento do outro é a forma como os membros de um grupo combinam e estruturam esses sentimentos entre si.

Moscovici (2003), discorrendo sobre luta e fuga no grupo - teoria de Bion (1975) – aponta que o modo de luta (conflito) acaba predominando quando um grupo tende a atacar o que ou quem percebe como causador de uma situação estressante, tabu, conturbadora etc. Já a modalidade fuga ocorre quando um grupo tenta evadir-se de uma situação-problema de forma física ou psicológica, por meio de manobras diversas, tais como: fantasias, teorização, introdução de assuntos irrelevantes, brincadeiras etc. Esses mecanismos são oriundos de uma cultura grupal de idealização de seus membros, de alta exigência e de cobrança de formas iguais de comportamento de todos. O próximo capítulo será dedicado a metodologia da pesquisa e discussão e análise dos dados.

## **4 METODOLOGIA E ANÁLISE DOS DADOS**

### **4.1 Metodologia da pesquisa**

Para efetuar a pesquisa, optou-se por utilização de método hipotético-dedutivo, com metodologia de pesquisa mista, ou seja, tanto qualitativa, quanto quantitativa. Para a coleta de dados da pesquisa quantitativa, optou-se por questionário contendo 36 perguntas fechadas e uma pergunta aberta. A amostra da pesquisa contemplou 247 questionários respondidos por representantes do Movimento Escoteiro de 15 estados brasileiros, todos adultos (acima dos 18 anos). Foram obtidas respostas de pessoas tanto do sexo feminino, quanto do sexo masculino e todas com participação ativa no Movimento Escoteiro. O período da pesquisa quantitativa ocorreu entre os dias 04 de fevereiro a 12 de março de 2014. Para tanto, organizamos o questionário em base online do Google Docs e enviamos o link eletrônico para diversos grupos de discussão sobre o Movimento Escoteiro existentes na internet. Já na pesquisa qualitativa,

que ocorreu no dia 02 de fevereiro de 2014, utilizou-se entrevista com um grupo focal, composto por 15 adultos, de ambos os sexos, que se autodeclararam heterossexuais, e que atuam como chefes de um grupo de escoteiros da cidade de São Paulo.

## 4.2 Análise e discussão dos dados

### 4.3.1 Pesquisa Qualitativa

A análise dos dados consiste em examinar, categorizar e classificar os dados levantados e recombinar evidências, em função da hipótese inicial do estudo. O procedimento de análise dos dados obtidos através do grupo focal foi a análise de conteúdo.

A moderação do grupo focal iniciou-se com perguntas sobre o conhecimento dos participantes sobre a polêmica acerca da questão da homoafetividade na BSA e. Pode-se observar que, apesar da maioria alegar conhecimento sobre os acontecimentos, a discussão dentro do grupo sobre a temática não aconteceu. Logo em seguida, trazem exemplos de convivência com homossexuais e transexuais, mas todas pessoas que estavam fora daquele grupo, ou seja, presentes em acampamentos internacionais, em outros grupos escoteiros, amigos de fora do Movimento Escoteiro etc.

Antes de adentrarmos nas questões sobre a homossexualidade / homoafetividade, trouxemos a discussão para o campo da sexualidade em geral. O grupo se mostrou resistente na discussão do tema, apenas afirmando que “as meninas” – escoteiras – já haviam passado por discussões sobre sexualidade, mas de forma superficial. Segundo os participantes, a discussão serviu para evitar “**problemas futuros**”. Esse discurso juntamente com outros do tipo: “**namoro entre membros deve nos manter alerta sempre...**” ou “**em uma atividade escoteira a sexualidade não cabe...**” demonstra o quanto a sexualidade ainda é um “tabu” dentro do grupo escoteiro pesquisado. Eles afirmam que existem relacionamentos entre membros do grupo. O que marca uma dualidade entre ter casais (heterossexuais), manter o cuidado com as questões relativas à sexualidade, mas não falar sobre o tema.

O grupo alega que hoje, em dia, essa questão é mais tranquila e que os adolescentes conseguem lidar com isso naturalmente. Mas pode-se perceber que, apesar da nova geração trazer a questão de forma naturalizada, os adultos ainda não discutem sobre o tema e tampouco sabem lidar com possíveis situações associadas às relações homoafetivas. Ficou evidenciado que a questão da inclusão é sempre mencionada fora do grupo. Muitos dizem que têm “amigos gays”, que no Jamboree da Suécia houve “gays”, que tem amigos “gays” em outros grupos escoteiros e que os “canadenses são um povo mais liberal”, mas, quando a questão é direcionada para dentro do grupo, houve várias fugas.

Quando questionados sobre a presença de homossexuais dentro do grupo, todos alegaram que desconhecem um homossexual que tenha se assumido na época em que estava participando do Movimento Escoteiro. Mas que muitos homossexuais se assumiram após a saída do grupo escoteiro. **Será que houve exclusão dos homossexuais?** De forma direta não houve exclusão por parte do grupo, mas eles trazem situações como a de um escoteiro que era “afeminado” e que comumente havia “brincadeiras” por parte de todos – confirmando a manifestação de preconceito. As contradições aparecem o tempo todo na mediação desse grupo, pois alegam que o grupo é maduro e não discrimina ninguém e, em outro momento, eles trazem a evidência de “focacas”, “bullying”, “zoação”. Por vezes, eles se comunicaram em códigos durante a mediação do grupo para falar de pessoas homossexuais e, quando alguns membros do próprio grupo perguntaram com curiosidade sobre de quem estavam falando, existiu um silêncio como resposta – mostrando a impossibilidade de citar nomes.

Quando perguntado se existia espaço para um membro homossexual se assumir naquele grupo, eles não souberam responder. **Várias respostas tenderam a culpabilizar o homossexual pela sua própria exclusão, já que, segundo os membros do grupo focal, lá existe espaço para todos.** Fato interessante é que, apesar de eles alegarem que há espaço para inclusão, assumem que fazem uma série de “piadas inocentes” sobre homoafetividade. Após essa discussão, o grupo trouxe algumas situações em que houve inclusão do “deficiente físico”, a fim de justificar o quanto eles são respeitosos com todos os “diferentes”, alegando não querer fazer essa comparação.

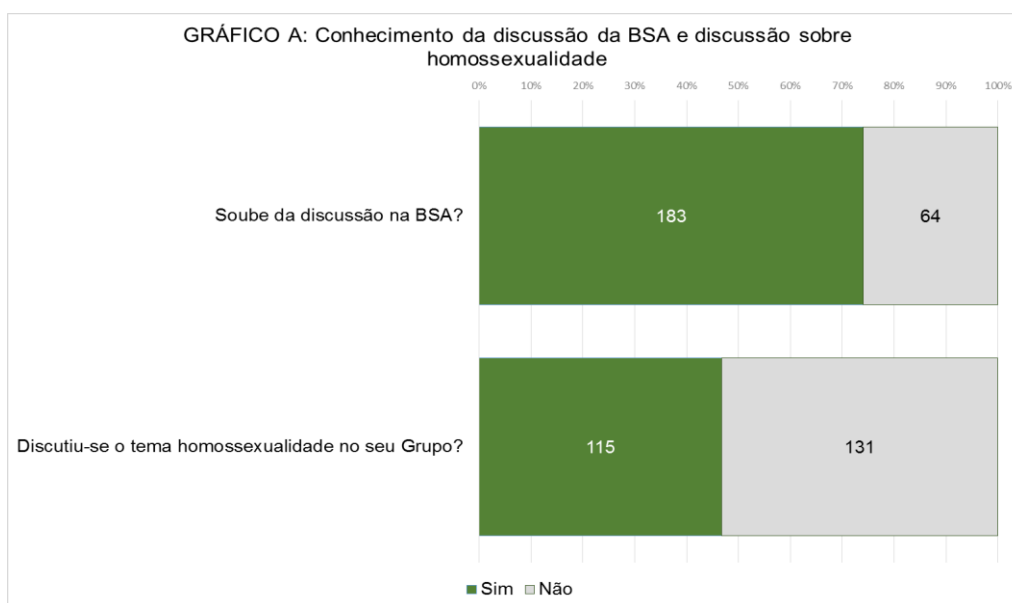
Outra questão interessante é que, muitas vezes, a responsabilidade pela exclusão é transferida para os pais dos escoteiros (as), pois, segundo o grupo, **“são os pais os responsáveis por não gostarem de ter os filhos próximos de membros homossexuais”**.

#### 4.3.2 Pesquisa Quantitativa

A pesquisa quantitativa contou com respostas que abrangem diversos segmentos de análise, dentre eles todos os ramos do Movimento Escoteiro (Lobinho, Escoteiro, Senior e Pioneiro, que representam as diversas faixas etárias em que se organiza o Escotismo), diversas posições dos adultos consultados (Pioneiros, Chefes Assistentes, Chefes de Seção e Dirigentes) e todas as faixas etárias.

Antes mesmo de disponibilizar o link para a pesquisa nos grupos de email e nas mídias sociais, já vivenciamos a primeira dinâmica e uma tendência que foi consistente durante todo o trabalho: **a dificuldade em abordar o tema**. Apesar de nós, “autores”, termos vínculos com o Movimento Escoteiro, e estarmos tratando de um tema relevante, encontramos muitas barreiras. O contato com a pesquisa foi evitado de diversas formas – e nossa hipótese é devido ao seu conteúdo. **A primeira reação é não querer tratar do assunto e evitar esse diálogo**.

Percebemos esse mesmo comportamento, ao analisar o GRÁFICO A, a seguir:



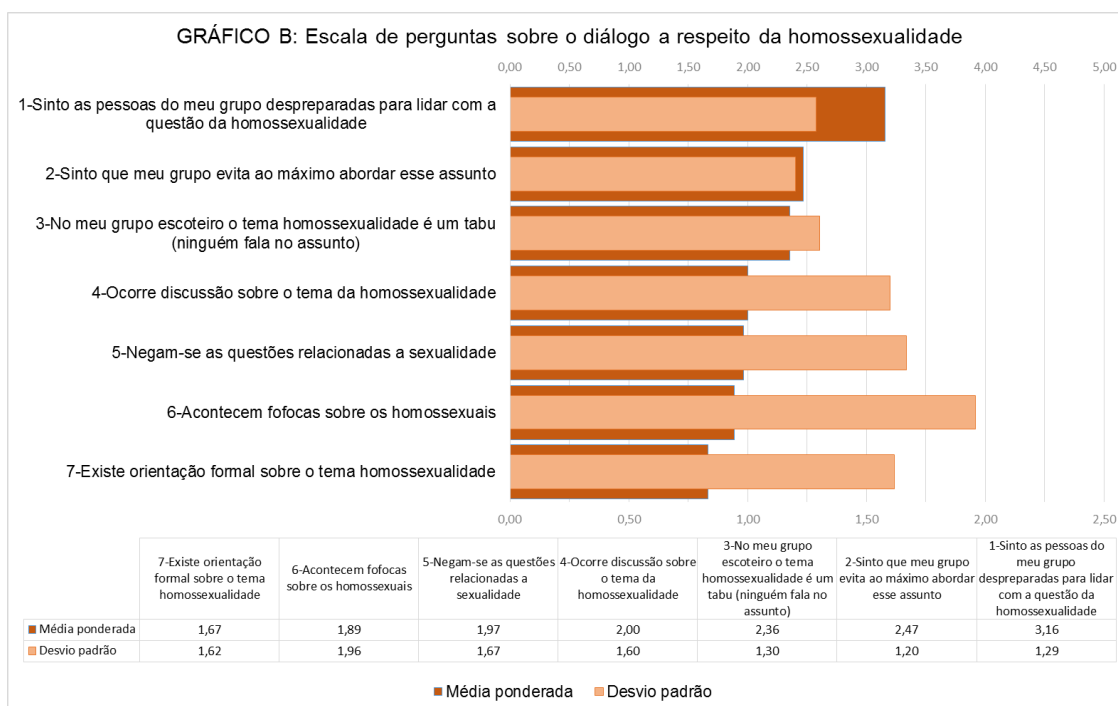
Fonte: Pesquisa quantitativa realizada pelos autores (n=247)

A maioria dos respondentes indicou que “soube da discussão na BSA” (74% das respostas, ou 183 de 247), no entanto, o número de respostas que afirmam que “discutiu-se o tema homossexualidade no seu grupo escoteiro” é menor (46% ou 115 de 246).

Para facilitar a compreensão e análise dos dados seguintes, classificamos todas as perguntas em três eixos organizados por grandes temas:

- **Diálogo:** avaliar quanto se dialoga a respeito do tema da homossexualidade (e mesmo sexualidade);
- **Inclusão/exclusão:** avaliar a ocorrência da inclusão e da exclusão;
- **Convivência:** como se dá a convivência com o homossexual nos grupos escoteiros.

No GRÁFICO B (a seguir), que agrupa questões de diálogo, percebemos a reincidência do comportamento que evita o tema da homossexualidade.



Fonte: Pesquisa quantitativa realizada pelos autores (n=247)



Em tom escuro no gráfico pode-se ver representada a média ponderada das respostas (numa escala de 1 a 5). Quanto mais alta a média, maior a concordância com a afirmação feita na pergunta, e vice-versa. Em tom claro, está representado o desvio padrão das respostas. Desvio padrão é usado em estatística na medição da dispersão em relação à média. Quando todas as respostas são iguais, o desvio padrão é igual a zero, e quanto maior a diversidade de respostas, mais cresce o número do desvio padrão. O alto desvio padrão dessas respostas indica maior variação das respostas e, portanto, menor harmonia de entendimento.

O fenômeno de luta e fuga apresentado por Bion aparece como **fuga do tema da homossexualidade** nas respostas da questão 2 (média 2,47) e 3 (média 2,36), ambas com altas médias (alta coesão). As questões 4 (média 2,00) e 5 (média 1,97) indicariam maior diálogo, mas, além de apresentarem baixas médias (baixa concordância com a afirmação), também apresentam maior desvio padrão (respectivamente 1,60 e 1,67).

Na questão aberta, disponível no formulário, é recorrente a menção ao não diálogo: “*Os chefes e membros da diretoria do grupo nunca discutiram o tema diretamente*”; “*nunca paramos para conversar sobre esse tema*”; “*Espero que a presente pesquisa sirva de ponto inicial para uma discussão aberta, franca e madura acerca do tema*”.

O dado que mais chama a atenção neste eixo que trata do “diálogo” é a **falta de preparo das pessoas nos grupos escoteiros para tratar com o tema da homossexualidade** (questão 1, média 3,16) e não existência de orientação sobre o tema homossexualidade (questão 7, com baixa coesão - média 1,67). Um depoimento que reforça essa conclusão: “*Creio que a maioria não sabe lidar muito bem com a questão. Não acho que haja preconceito grave, apenas piadinhas ou coisas do gênero. Mas imagino que a percepção de um escoteiro homossexual possa ser bem diferente da minha. Talvez ele sinta o preconceito de maneira mais exacerbada.*”

Portanto, conclui-se que **existe pouco espaço para discutir o tema da homossexualidade nos grupos escoteiros, numa clara dinâmica de fuga**. E como não há espaço para esse diálogo, **uma das consequências é a falta de orientação diante deste tema**.



Fonte: Pesquisa quantitativa realizada pelos autores (n=247)

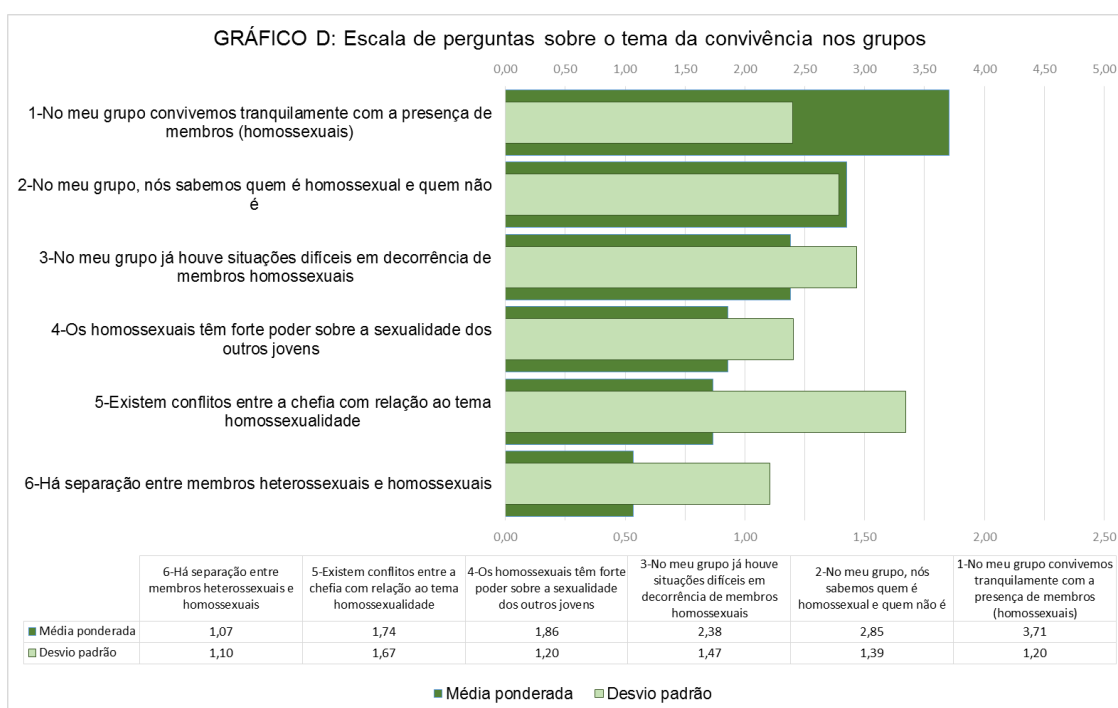
De todas as perguntas respondidas na pesquisa quantitativa, aquelas relacionadas à inclusão foram as de maior coesão. Em primeira análise, conclui-se que ocorre a inclusão de pessoas homoafetivas nos grupos escoteiros. As questões 1 a 6 (Gráfico B, com médias variando entre 2,93 e 4,54, as mais altas da pesquisa) indicam a aceitação e inclusão de membros homossexuais nos grupos escoteiros, mas não de maneira explícita.

Já a exclusão é apontada como pouco adotada, conclusão pela análise das questões 10 (“Já houve exclusão de homossexuais no meu grupo escoteiro”) e 11 (“Já houve membros expulsos do meu grupo escoteiro por serem homossexuais”), ambas com baixa média ponderada, respectivamente 1,60 e 1,40. Isso pode indicar que, ou não houve a possibilidade de exclusão por não haver homossexual no grupo escoteiro, ou realmente não houve exclusão percebida.

No entanto, numa segunda análise, encontramos alto desvio padrão nas questões 4 (1,75; “No meu grupo escoteiro há inclusão de pessoas diferentes”), 5 (1,55; “No meu grupo escoteiro não temos membros homossexuais, somente heterossexuais”) e 10 (1,66; “Já houve exclusão de homossexuais no meu grupo escoteiro”). Esses altos índices de desvio padrão indicam uma maior dispersão de respostas, **contradizendo a aparente tendência natural de inclusão.**

Chama a atenção as respostas à pergunta 7: “No meu grupo há solidariedade aos homossexuais?”. As respostas demonstram média baixa (2,54), indicando baixa coesão e alto desvio padrão (2,04), indicando alta dispersão das respostas. Portanto, **há bastante dúvida quanto à solidariedade perante os homossexuais.**

Um depoimento que resume boa parte dessas conclusões: “*O que ocorre é que, às vezes, se nota que alguém tem tendências homossexuais, mas não se toca no assunto, não se questiona e, como não há esse questionamento, não se pode orientar o jovem. E fica um pouco daquele clima de "fofoca", onde os chefes ficam se questionando se tal membro é homossexual, os escoteiros o chamam de "viadinho" ou "sapatão" pelas costas em uma espécie de bullying não declarado, mas, no fim, alguns membros acabam não querendo a pessoa em suas patrulhas/equipes de serviço.*”



Fonte: Pesquisa quantitativa realizada pelos autores (n=247)

Quanto às questões de convivência, a questão 1 da TABELA D indica que existe boa convivência com homossexuais no grupo. A questão 5, apesar de indicar que o conflito entre a chefia, diante do tema, existe com certo controle, o maior desvio padrão (1,67) dentre as perguntas dessa categoria indica que há muita diferença de opinião nesta questão.

## 5 Considerações finais

O Grupo Escoteiro ainda traz muitos de seus valores associados aos valores estabelecidos pelo seu fundador. É comum aos grupos estabelecer uma organização e fazer toda a manutenção da sua identidade, normas e valores através de signos, símbolos e ritos e isso não é diferente dentro do Movimento Escoteiro. Porém, a necessidade de reeducação de um grupo surge quando um indivíduo ou grupo está fora dos padrões em relação à sociedade. A questão da homoafetividade não pode ser deixada de fora da discussão social e grupal e muito menos de dentro dos grupos escoteiros que não estão falando sobre o tema. Pode-se notar, na pesquisa qualitativa, que, apesar do grupo se auto denominar como um grupo inclusivo, na prática não é o que realmente está acontecendo. Há uma dualidade entre aceitação e exclusão, que ficou evidenciada quando os participantes da pesquisa demonstraram utilizar de “brincadeiras” que estigmatizam e são preconceituosas em relação à homossexualidade. Outro fato marcante é que, nesta pesquisa, foi mencionado que os escoteiros homossexuais somente conseguiram se assumir homossexuais após a saída do grupo.

Não há respostas na pesquisa quantitativa que afirmem a exclusão dos homossexuais pelos grupos escoteiros. O que nos faz concluir que o grupo não exclui, mas não dá espaço para se falar abertamente do tema – fato que pode fazer o indivíduo sair do grupo porque não se sente reconhecido por todos. Isso também acontece pela ausência de uma formalização por parte da União dos Escoteiros do Brasil sobre o seu posicionamento em relação ao tema. Isso gera uma dissonância entre os membros homossexuais e a falta de formalização / aceitação que os deixa sem um reconhecimento pelo outro.

Nossa hipótese de pesquisa ficou parcialmente confirmada, já que na pesquisa qualitativa houve presença de exclusão por parte do grupo, mas na pesquisa quantitativa não há dados suficientes para concluir essa mesma exclusão.

A recomendação é que haja outras pesquisas que possam abordar o próprio homossexual e sua percepção sobre a aceitação / exclusão por parte do grupo.

## REFERÊNCIAS

BADEN-POWELL, Robert Stephenson Smyth. **Guia do Chefe Escoteiro (Aids to Scoutmastership)**. Tradução de Gen. Leo Borges Fortes. 5ª Ed. Porto Alegre: Ed. Escoteira, União dos Escoteiros do Brasil, 2000.

\_\_\_\_\_. **Escotismo para rapazes (Scouting for Boys)**. Trad. Altamiro Vilhena e Luiz Cesar de Simas Horn. Edição comemorativa do centenário do escotismo. Curitiba: União dos Escoteiros do Brasil, 2008.

BION, W. R. **Experiências com grupos**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

CARTWRIGHT, D.; Zander, A. **Dinâmica de grupo. Pesquisa e teoria**. E.P.U. São Paulo: 1975.

DIAS, Maria Berenice. **Em defesa da mulher e das Uniões Homoafetivas**. Disponível em: <<http://www.mariaberenice.com.br/pt/entrevistas-revista-justilex-em-defesa-da-mulher-e-das-unioes-homoafetivas.cont>> Acesso: 7 mar.2014.

FARIAS, M. O.; MAIA, A. C. B. **Adoção por homossexuais: A família homoparental sob o olhar da Psicologia Jurídica**. Curitiba: Juruá Psicologia. 2009.

FESTINGER, L.; ARONSON, E. O aparecimento e a redução da dissonância em contextos sociais. In: CARTWRIGHT, D.; Zander, A. **Dinâmica de Grupo. Pesquisa e Teoria**. E.P.U. São Paulo: 1975.

LANE, Silvia. **O processo grupal**. In: LANE, S. e CODO, W. (Org). *Psicologia Social – o homem em movimento*. SP: Brasiliense, 1984.

LEWIN, Kurt. **Problemas de dinâmica de grupo**, Cultrix, São Paulo, 1948.

MAIOLHIOT, G. B. **Dinâmica e gênese dos grupos**. 4. ed. São Paulo, Duas Cidades, 1981.

MARTINS, S. T. F. **Processo grupal e a questão do poder em Martín-Baró**. In: *Psicologia & Sociedade*: 15 (1): 201-217: jan/jun 2003.

MARTÍN-BARÓ, I. **Sistema, grupo y poder**. *Psicologia social desde Centroamérica II*. San Salvador: UCA Ed., 1989. (Colección Textos Universitários, 10).

MICHAELIS. **Dicionário Escolar Língua Portuguesa**. Brasil: Melhoramentos, 2004.

MOSCOVICI, Fela. **Desenvolvimento interpessoal: treinamento em grupo**. 13ª Edição, Rio de Janeiro, 2003.

- PETERSON, Robert. **The First Scout Camp**. Disponível em: <<http://scoutingmagazine.org/issues/9909/d-wwas.html>> Acesso: 9 mar.2014.
- PRYKE, Sam. **The control of sexuality in the early British Boy Scouts movement**. Grã-Bretanha: Liverpool Hope University College, 2005.
- ROSENTHAL, Michael. **The character factory, Baden Powell and origins of the Boy Scout Movement**. Londres: Collins, 1986.
- SANTOS, A. C.; SANTANA, A.F.T. **O método escoteiro para meninas: a adequação das práticas para implantação da co-educação no escotismo brasileiro**. In: IV Fórum identidades e alteridades: educação e relações etnicorraciais. Itabaiana, 2010.
- SCHUTZ, W. C. **O prazer: expansão da consciência humana**. Rio de Janeiro: Imago, 1974
- SHORTER, Edward. **A Formação da Família Moderna**. Lisboa: Terramar, 1975.
- SOROKIM, P. A. **Sociedade, cultura e personalidade: sua estrutura e sua dinâmica**, vol II, Porto Alegre, 1968.
- TEMPERINI, Carlos. **Adoção homoparental e infância: uma análise da mídia**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) São Paulo: PUC/SP – Pontifícia Universidade Católica, 2012.
- TRINDADE, Jorge; BREIER, Ricardo. **Pedofilia: aspectos psicológicos e penais**. São Paulo: Editora Livraria do Advogado, 2007.
- UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL – UEB. **100 anos de Escotismo**. In: Sempre Alerta. Informativo da UEB nº 162. Curitiba, 2007.
- \_\_\_\_\_. **POR - Princípios, Organização e Regras**. Curitiba: Editora Nacional, 10ª Edição, 2013.
- \_\_\_\_\_. **Projeto educativo do Movimento Escoteiro**. Curitiba, 2013.
- \_\_\_\_\_. **Diretrizes Nacionais Para Gestão de Adultos**. Curitiba, 2009.
- UZIEL, Ana Paula. **Homossexualidade e adoção**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.